

Dezembro / 2019

INTERNACIONAL

EUROPA

O Banco Central europeu (BCE, na sigla em inglês), na primeira reunião sob o comando de Christine Lagarde, decidiu por dar sequência a política monetária ao manter inalteradas as taxas de juros na zona do euro. A taxa de juros principal foi mantida em zero, enquanto aquelas para linhas de crédito marginal e depósitos permanecem em 0,25% e -0,50%, respectivamente. Além de sinalizar a manutenção do juro baixo por um período prolongado, a instituição manteve em 20 bilhões de euros por mês o ritmo de compra de títulos, visando dar liquidez ao sistema.

Com a atividade contraindo pelo 11º mês consecutivo, as indústrias da região encerraram o ano com fraqueza. O índice de gerente de compras (PMI, na sigla em inglês) da indústria permaneceu abaixo dos 50,0 pontos, que separa crescimento de contração, encerrando dezembro com 46,3 pontos, ante 46,9 pontos em novembro.

A inflação ao consumidor (CPI, na sigla em inglês) seguiu ganhando força e registrou aceleração em dezembro para 1,3% em doze meses, ante 1,0 em novembro. Apesar do avanço, a inflação anual da zona do euro permanece bem abaixo da meta do BCE, que é de uma taxa ligeiramente inferior a 2%. O núcleo do CPI do bloco, que exclui os preços de energia e de alimentos, também registrou alta anual de 1,3% em dezembro, como previsto pelo mercado.

Quanto ao mercado de trabalho, a taxa de desemprego da zona do euro manteve-se em 7,5% em novembro, mesmo número de outubro, segundo dados com ajustes sazonais divulgados pela Eurostat. O resultado é o menor registrado na zona do euro desde julho de 2008. A Eurostat estima que havia 12,315 milhões de desempregados na zona do euro em novembro. Em relação a outubro, o número de pessoas sem emprego na região sofreu queda de 10 mil.

EUA

O Federal Reserve (FED, o banco central dos EUA) encerrou o ciclo de afrouxamento monetário na última reunião do colegiado no ano, e manteve o juro na faixa de 1,50 a 1,75%, diante do crescimento econômico moderado e baixas taxas de desemprego. O ano foi marcado por uma inversão na expectativa da condução da política monetária dos EUA. Ao fim de 2018, a expectativa era de que o FED iria subir os juros duas vezes em 2019. Porém diante da piora da atividade global e da guerra comercial travada com a China, o FED optou por reduzir o custo do dinheiro nas últimas três reuniões. No comunicado pós-reunião, o colegiado sugeriu que o juro permanecerá estável por um período suficientemente prolongado.

A inflação medida pelo índice de preços de gastos com consumo (PCE, na sigla em inglês) subiu 0,2% em novembro, mesmo número registrado em outubro, impulsionado pelos preços de bens e serviços de energia. Excluindo os componentes voláteis de alimentos e energia, o PCE subiu 0,1%, repetindo o número de outubro. Assim, o núcleo do PCE recuou para 1,6% em novembro, ante 1,7% em outubro. O núcleo do PCE é a medida de inflação monitorada mais de perto pelo Federal Reserve (FED, na sigla em inglês), e tem ficado abaixo da meta de 2,0% neste ano.

A agência IHS Markit informou que o PMI composto, que engloba os setores de serviços e industrial norte-americano acelerou para 52,2 pontos em dezembro, frente os 52,0 pontos registrados em novembro. Apesar de permanecer abaixo da tendência de longo prazo, foi o maior valor em cinco meses. O setor de serviços saltou para 52,2 pontos em dezembro, ante 51,6 em novembro. Já o índice da indústria recuou de 52,6 pontos em novembro para 52,4 pontos em dezembro.

Conforme informou o Departamento de Trabalho, o relatório de empregos não agrícolas (payroll, na sigla em inglês) mostrou uma criação de 145 mil postos de trabalho em dezembro, e a taxa de desemprego permaneceu inalterada em 3,5%, ou seja, o número de pessoas desempregadas se manteve em 5,8 milhões. Os melhores resultados ocorreram no comércio varejista e na assistência médica, enquanto a mineração perdeu empregos.

ÁSIA

Na China, o Banco Central do Povo (BPoC, na sigla em inglês) tomou importantes medidas para estimular a economia do país. Além de passar a utilizar a taxa básica de empréstimo como nova referência para precificar os contratos de empréstimos a taxas flutuantes existentes, o que ajudará a reduzir o custo de crédito, especialmente as empresas de pequeno/médio porte, a autoridade monetária local reduziu a alíquota de depósito compulsório em 50 pontos base, a vigorar a partir de 6 de janeiro. A medida deverá liberar aproximadamente US\$ 115 bilhões em fundos para dar suporte à economia em desaceleração.

O índice de preços ao consumidor (CPI, na sigla em inglês) chinês subiu 4,5% em dezembro em relação a igual mês do ano passado, mesmo número registrado em novembro, conforme divulgou o Escritório Nacional de Estatísticas (NBS). O índice permanece no nível mais alto em quase oito anos, impulsionado especialmente pelos preços crescentes da carne de porco, após a febre suína africana devastar os rebanhos no país.

O PMI industrial da china, medido pela IHS Markit/Caixin, caiu de 51,8 pontos em novembro para 51,5 pontos em dezembro, diante da expectativa de analista que permaneceria estável. Entretanto, o número ficou acima da marca de 50 pontos que separa contração de crescimento pelo quinto mês seguido.

No Japão, o banco central local (BoJ, na sigla em inglês) decidiu manter sua política monetária inalterada, mas reiterou que tomará medidas de estímulo adicionais se necessário. O BoJ manteve sua taxa de depósito de curto prazo em -0,10% e a meta de juro para o bônus do governo japonês de 10 anos em torno de 0%, além de reiterar o pacote de compras de 80 trilhões de ienes em bônus japonês e 6 trilhões de ienes em ETF's, anualmente. No comunicado pós-reunião, o colegiado reiterou a promessa de manter o juro lá embaixo enquanto a inflação não convergir para a meta estabelecida em 2% ao ano.

O núcleo da inflação japonesa acelerou em novembro e atingiu máxima de mais de três anos, sugerindo que as empresas estão gradualmente repassando o aumento dos custos trabalhistas e a alta nos impostos para os compradores. O núcleo do CP, que exclui os voláteis preços de alimentos frescos, subiu 0,5% em novembro sobre o ano anterior, igualando a expectativa do mercado e acelerando ante 0,4% em outubro. O chamado núcleo do núcleo da inflação, que elimina o efeito de alimentos frescos e custos da energia, avançou 0,8% em novembro sobre o ano anterior, no ritmo mais forte de alta desde abril de 2016.

MERCADOS DE RENDA FIXA E RENDA VARIÁVEL

No mercado internacional de renda fixa, os títulos do tesouro americano de 10 anos, que tinham rendimento de 1,77% ao ano no final de novembro, subiram cerca de 12 pontos base no mês de dezembro para o nível em torno de 1,89% ao ano, enquanto o rendimento dos títulos do Tesouro de 30 anos subiu para 2,34% ao ano, um aumento de 14 pontos base em relação ao fechamento de novembro. Já o rendimento dos títulos do governo japonês de 30 anos passou para 0,41% ao ano, estável em relação a novembro.

Já as bolsas internacionais, em geral, mantiveram o movimento de valorização nos preços. Enquanto a bolsa alemã (Dax) subiu 0,10%, a inglesa (FTSE 100) avançou 2,67%, a do Japão (Nikkei 225) registrou alta de 1,56% e a americana (S&P 500) valorizou 2,86%. No mercado de commodities, o petróleo tipo Brent registrou uma alta de 5,7% no mês, a US\$ 63,11 o barril no contrato para março/2020, enquanto o WTI avançou 10,6%, cotado a US\$ 61,06 o barril no contrato para fevereiro/2020.

NACIONAL

ATIVIDADE, EMPREGO E RENDA

Apesar do setor industrial tenha mantido o viés expansivo ao final do ano, as taxas de crescimento de novos pedidos e da produção recuaram sensivelmente em dezembro, além da queda mais acentuada nas exportações. O PMI, calculado pela IHS Markit, recuou para 50,2 pontos em dezembro, ante 52,9 pontos em novembro, registrando a taxa mais baixa após 5 meses de crescimento. O crescimento do PMI foi puxado pelas categorias de bens de consumo e intermediários, com ambos registrando expansão em dezembro. O segmento de bens de capital teve a maior influência negativa no número geral, registrando o primeiro recuo em um ano, tendo como pano de fundo “fortes contrações” em vendas e produção.

Já o setor de serviços avançou levemente em dezembro, conforme revelou a agência IHS Markit. O PMI de serviços brasileiro foi a 51,0 pontos em dezembro, ante 50,9 em novembro. O resultado mantém a expectativa de se obter um crescimento moderado à frente.

A taxa de desemprego no Brasil caiu para 11,2% no trimestre encerrado em novembro, atingindo 11,9 milhões de pessoas, segundo dados divulgados pelo IBGE. A taxa é superior aos 11,6% registrados no trimestre encerrado em outubro. Já o número de desempregados recuou em 400 mil na comparação com o mês anterior: em outubro, eram 12,3 milhões de trabalhadores brasileiros desempregados. Contribuíram para a queda no desemprego, as vagas temporárias abertas no comércio para fazer frente às datas comemorativas de final de ano. Com isso, a população ocupada chegou ao recorde de 94,4 milhões de pessoas. O IBGE apontou que, na comparação com os três meses anteriores, o rendimento médio real habitual teve leve alta, de 1,1%, alcançando R\$ 2.332.

SETOR PÚBLICO

Conforme informou o Banco Central, o setor público consolidado (Governo Central, Estados, municípios e estatais, com exceção de Petrobras e Eletrobrás) registrou um déficit primário R\$ 15,312 bilhões em novembro. No acumulado deste ano, o rombo do setor público consolidado foi a R\$ 48,359 bilhões. Em 12 meses, o rombo chegou a R\$ 89,492 bilhões, equivalente a 1,24% do PIB.

A dívida bruta geral do setor público, que contabiliza os passivos dos governos federal, estaduais, municipais e do INSS, aumentou em novembro, passando a R\$ 5,602 trilhões, o equivalente a 77,7% do PIB.

INFLAÇÃO

O IBGE divulgou que a inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), apresentou em dezembro uma variação de 1,15%, a maior alta para um mês de dezembro desde 2002, enquanto em novembro havia registrado 0,51% de alta. No acumulado, o índice fechou 2019 com alta de 4,31%, ligeiramente acima do centro da meta do Bacen, que é de 4,25%. Liderando a alta nos preços, o grupo de alimentos e bebidas subiu 6,0%. O que mais pesou para esse resultado foi o preço da carne. Com o aumento das exportações para a China, a oferta de carne no Brasil diminuiu e os preços aumentaram, enquanto o grupo dos transportes teve alta de 3,57%, pressionado pelo aumento dos combustíveis.

Já o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), que mede a variação da cesta de consumo de famílias com renda até cinco salários mínimos e chefiadas por assalariados, registrou inflação de 1,22% em dezembro, após registrar alta de 0,54 em novembro. Como resultado, o índice fechou 2019 com alta de 4,48%.

CÂMBIO E SETOR EXTERNO

O dólar comercial encerrou o mês de dezembro em queda de 5,42%, cotado a R\$ 4,013 na venda, fechando o ano com alta de 3,50% na medida em que as tensões políticas no Brasil e América Latina se dissipavam, além do otimismo com o acordo comercial envolvendo as duas maiores potências econômicas mundiais, EUA e China.

Em novembro, as transações correntes apresentaram déficit de US\$ 2,164 bilhões em termos nominais, menor rombo para o mês em três anos, acumulando em doze meses saldo negativo de US\$ 51,163 bilhões, equivalente a 2,78% do PIB.

Conforme divulgou o Ministério da Economia, a balança comercial brasileira registrou superávit de US\$ 5,599 bilhões em dezembro, valor 17,0% inferior, pela média diária, ao alcançado em igual período de 2018, de US\$ 6,428 bilhões. No mês, a exportação alcançou cifra de US\$ 18,155 bilhões, enquanto as importações totalizaram US\$ 12,555 bilhões. No ano, o saldo da balança comercial acumulou superávit de US\$ 46,674 bilhões.

RENDA FIXA

Dos subíndices Anbima, que referenciam os fundos compostos por títulos públicos disponíveis para os RPPS, o melhor desempenho no mês de dezembro acabou sendo o do IDkA IPCA 20A, com alta de 3,94%, seguido pelo IMA-B 5+ (2,60% de alta) e pelo IMA-B Total (2,01% de alta). Os vértices mais curtos apresentaram os menores resultados: enquanto o IRF-M 1 cresceu 0,42%, o IMA-B 5 valorizou 1,24%. Já o CDI variou 0,38% no período.

RENDA VARIÁVEL

Para o Ibovespa, o noticiário positivo envolvendo o mercado de juros, o abrandamento das tensões geopolíticas e o acordo comercial entre EUA e China levaram o principal indicador de desempenho da bolsa de valores a sucessivos recordes no mês de dezembro. A alta foi de 6,85%, acumulando no ano um avanço de 31,58%. O índice encerrou o mês aos 115.645 pontos.

PERSPECTIVAS

Após um ano de 2019 com excelentes resultados, do ponto de vista dos investimentos de maior risco, esperamos uma continuidade de valorização para tais ativos no ano de 2020. Entretanto em um ritmo menos intenso do que ocorreu em 2019.

Alguns temas podem atrapalhar a pauta, especialmente os assuntos ligados às questões geopolíticas, porém imaginamos que serão questões pontuais a serem enfrentadas. A principal pauta para o início do ano é para um desfecho favorável a questão da guerra tarifária entre EUA e China. O acordo da primeira fase de negociações está concluído, e espera-se pela assinatura de seus termos em meados de janeiro.

Espera-se por uma continuidade dos programas de estímulos monetários dos bancos centrais das principais economias, com manutenção e/ou redução nas taxas de juros de empréstimos e financiamentos, com objetivo de estimular o crescimento das economias, tendo em vista o fraco crescimento da produção mundial, com reflexos diretos no crescimento do PIB, dado que as taxas de inflação permanecem fracas indicando um baixo consumo da população.

Em relação às aplicações dos RPPS aconselhamos o investimento de 25% dos recursos em fundos de investimento em títulos públicos que possuem a gestão do duration, produto a ser acompanhado com a devida atenção por conta das posições assumidas pelo gestor.

Para os vértices de longo prazo (especificamente o IMA-B Total) recomendamos um aumento da exposição para 15%, em razão do prêmio que ainda poderá ser capturado devido à taxa básica de juros na mínima histórica, além da pauta de reformas que deverão refletir na melhora do quadro fiscal do país.

Para os vértices médios (IMA-B 5, IDkA 2A e IRF-M Total), a recomendação é para uma redução na exposição para 20%, e para os vértices de curto prazo, representados pelos fundos DI, pelos referenciados no IRFM-1 e pelos CDBs, a alocação sugerida passa a ser de 5%. Ambas as reduções estão relacionadas à taxa de juros doméstica na mínima histórica, com objetivo de redirecionar os recursos para os mercados com maiores possibilidades de ganhos.

Quanto à renda variável, recomendamos uma exposição máxima de 30%, por conta da melhora do ambiente econômico neste ano, que já se reflete em um melhor comportamento dos lucros das empresas e, portanto, da Bolsa de Valores e também pelo fato da importância do produto como fator de diversificação de portfólio, em um momento em que as taxas de juros dos títulos públicos não mais superam a meta atuarial.

Para a alocação em fundos multimercado a nossa sugestão é uma redução para 5% dos recursos e de 2,5% a alocação em FII e FIP, respectivamente, dada a pouca disponibilidade de produtos no mercado enquadrados para os RPPS. Para o investimento em ações, a nossa recomendação é de aumento da exposição para 20% dos recursos, tendo-se em vista o potencial de crescimento das empresas neste e nos próximos anos em uma conjuntura de baixa inflação e taxas de juros nas mínimas históricas.

Para aqueles clientes que já contam com investimento de 5% tanto em FII, quanto em FIP, o ajuste das recomendações se dará através da redução no teto dos investimentos em ações.

Adicionamos na estratégia a recomendação de investimentos no segmento de investimentos no exterior, com um percentual máximo de 5%, devido à necessária diversificação da carteira na busca por investimentos desconectados da taxa de juros doméstica, além do recente surgimento de produtos direcionados a este segmento.

Sugestão de Alocação dos Recursos – Renda Fixa e Variável	
<u>Renda Fixa</u>	65%
Longuíssimo Prazo (IMA-B 5+ e IDKA 20A)	0%
Longo Prazo (IMA-B Total e FIDC/ Crédito Privado/ Fundo Debênture)	15%
Gestão do Duration	25%
Médio Prazo (IRF-M Total, IMA-B 5 e IDKA 2)	20%
Curto Prazo (CDI, IRF-M 1 e CDB)	5%
<u>Renda Variável</u>	30%
Fundos de Ações	20%
Multimercados	5%
Fundos de Participações *	2,5%
Fundos Imobiliários **	2,5%
<u>Investimento no Exterior</u>	5%

* Aos clientes que investem em Fundos de Participações e Fundos Imobiliários em percentual superior a 2,5% em cada, reduzir a exposição aos Fundos de Ações na proporção desse excesso.